

(RE)invenções e curadoria: ações de um programa de extensão em cinema-educação

(Re)inventions and curated: actions of an extension
program in cinema-education

Isabela Coura¹

Raiane Leite²

Franciela Ferreira³

Fernanda Omelczuk⁴

RESUMO Neste texto serão compartilhados suportes teóricos e rumos para o trabalho de curadoria cinematográfica do programa de extensão Educação, cinema, outros territórios da Universidade Federal de São João del-Rei durante dois anos da pandemia da Covid-19. Na ocasião interromperam-se as possibilidades presenciais de cineclube e atividades de criação com crianças e idosos que até então eram realizadas. Serão compartilhadas análises sobre a pesquisa e a curadoria que resultaram na produção do catálogo Imagear: caderno para brincar e fazer cinema, e a promoção de cursos de extensão em plataformas digitais para interessados no trabalho com educação e imagens. Como resultado, identifica-se que sustentamos com as atividades três gestos que fizeram frente diante da macropolítica de morte que predominou na pandemia: a prática extensionista universitária, o cinema brasileiro em sua diversidade e a afirmação da infância como potência de invenção de novas possibilidades de trabalho conjunto e de vida.

PALAVRAS-CHAVES: práticas extensionistas; Cinema e educação; pandemia; curadoria; criação de novos possíveis.

ABSTRACT In this text, theoretical supports and directions for the work of cinematographic curated of the Education, Cinema, Other Territories of the Federal University of São João del-Rei will be shared during two years of the Covid-19 pandemic. On that occasion, the possibility of in-person film clubs and creative activities with children and the elderly, which were central until then, were interrupted. We then share analyzes of the research and

¹ Pedagogia da UFSJ (*isabelacoura24@gmail.com*)

² Pedagogia da UFSJ (*raianemylk@gmail.com*)

³ Pedagogia da UFSJ (*francielasferreira@gmail.com*)

⁴ Departamento de Ciências da Educação da UFSJ (*fernandaow@ufsj.edu.br*)

curated that resulted in the production of the Imagear catalog: notebook to play and make cinema, and the promotion of extension courses on digital platforms for those interested in working with education and images. As a result, we identified that, with our activities, we supported three gestures that faced the macropolitics of death that prevailed in the pandemic: the university extension practice, Brazilian cinema in its diversity and the affirmation of childhood as a power of invention of new possibilities of work collectivity and life.

KEYWORDS: extension practices, Cinema and education, pandemic; curated, creation of new possibilities.

INTRODUÇÃO

2020. Aulas suspensas. Isolamento social. Recolhimento. Portas fechadas. Janelas, digitais, abertas: lives, cursos online, aulas virtuais, vida síncrona, vida assíncrona. Nesse cenário pandêmico a vida exigiu reinvenções.

No programa⁵ de extensão Educação, Cinema, outros territórios (ECOS) – vinculado a Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade Federal de São João del-Rei (PROEX/UFSJ) – não foi diferente. Um dos propósitos do nosso programa é o de criar um espaço e um tempo comum entre os estudantes da universidade e a comunidade externa, crianças e idosos, para ver e fazer cinema brasileiro juntos. Entre 2018 e 2019, experienciamos isso nas ruas, nos muros, no centro comunitário da UFSJ, que se localiza entre o bairro São Dimas, aos fundos do campus⁶ Dom Bosco, junto com as crianças. Também nas projeções de filmes nos salões do Lar de idosos Abrigo Tiradentes, em Tiradentes e no Albergue Santo Antônio, em São João del-Rei.

⁵ De acordo com a nomenclatura empregada pela Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade Federal de São João del-Rei – PROEX/UFSJ, os denominam-se programas as atividades de extensão que articulam ensino e pesquisa, além da extensão, por isso o ECOS se trata de um programa e não de um projeto.

⁶ Campus Bom Bosco, um dos três campus da UFSJ localizado na cidade de São João del-Rei, juntamente com os Campus Santo Antônio e Campus Tancredo Neves.

Imagens 1 e 2: Atividades no centro comunitário, no bairro São Dimas, em São João del-Rei.



Fonte: Registros do Programa de Extensão ECO

Imagem 3: Projeção de filmes no Lar de idosos Abrigo Tiradentes, em Tiradentes.



Fonte: Registros do Programa de Extensão ECOS

(RE) INVENÇÕES E OS POSSÍVEIS

Se o programa acompanhasse o ritmo e o formato que as atividades cotidianas seguiram desde o decreto do isolamento social para conter a propagação do coronavírus, no início de 2020, uma das possibilidades seria realização das atividades de cineclube, oficinas e outras propostas de criação através de alguma plataforma online com as crianças. Entretanto, compreendemos que, se assim fizessemos, estaríamos abraçando um “novo normal”, prosseguindo em um mundo que entrou em suspensão sem que alicerces fundamentais de seu funcionamento em normose e de sua vida opressora e

injusta fossem questionados.

A ideia de normose foi construída pelos pesquisadores Crema, Leloup e Weil (2003) para expressar hábitos que socialmente são considerados normais, porém, na realidade, representam atitudes de um modo de estar no mundo patogênico, que gradativamente destrói a vida. Neste cenário, muitas vezes aqueles que resistem, inventando novas formas de ser e estar no mundo, alternativas ao que todos consideram normal, são vistos como desviantes. Entretanto, o fato é que, em alguns momentos, não repetir o estado automático das coisas é a resposta mais saudável e resiliente que podemos oferecer para transformar o mundo.

Sintonizadas com esta reflexão crítica sobre a realidade, em um cenário em que vidas estavam sendo perdidas, infâncias sendo, na melhor das hipóteses, roubadas, porque muitas se tornaram órfãs, em um tempo de insegurança, medo e exaustão diante da demasiada exposição às telas que se prolongou durante este período, percebemos certa incompatibilidade com os princípios do programa de extensão, que preza pela relação cuidadosa com as imagens, pelo encontro coletivo de cinema como fruição política e estética para aprendizagem, adotar de modo impulsivo uma digitalização do programa. Diante disso, não aderimos à transposição das ações do programa para a virtualidade de imediato, uma vez que pensamos que o cinema, as infâncias e a educação que defendemos não poderiam apenas ocupar mais uma aba no navegador. Isto faria com que o sentido metodológico de criar uma experiência coletiva e comunitária de exibição conjunta se perdesse. Além de que, agindo assim, incentivaríamos crianças e adolescentes a estarem mais tempo diante das telas do que o já recomendado pela Sociedade Brasileira de Pediatria⁷, já que a escola também precisou usar das telas para se comunicar.

Perante os esgotamentos da possibilidade de transposição para o virtual e da própria possibilidade da ação principal do programa de modo presencial, “esgotou-se a si quanto reservatório de possíveis [...] bem como as potencialidades do espaço e da própria possibilidade de ação” (PELBART, 2013, p.45), optamos por nos recolher e pensar nas formas de nos relacionarmos, de nos colocarmos como programa e grupo diante de questões caras para nós: a democratização do acesso ao cinema nacional de qualidade para crianças e a aprendizagem e criação com o cinema como formação política e estética. Isso porque há uma tarefa que se impõe sempre, apesar da destruição/catástrofe em curso: a da criação, que é a condição para um novo começo. Não saber como continuar, afirmar isso, e viver isso, é afirmar a infância como (re)começo sempre, a surpresa, o não saber, a não definição, a experimentação e voltar a brincar e criar (PELBART, 2013).

Por isso, em um primeiro momento, por um certo período enfrentamos a

⁷ Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/sbp-atualiza-recomendacoes-sobre-saude-de-criancas-e-adolescentes-na-era-digital/>

situação com recolhimento e demos pausa aos nossos encontros junto ao grupo de pesquisa no qual nosso Programa de extensão faz parte, o GEFI (Grupo de pesquisa em educação, filosofia e imagem), até criarmos outras maneiras de dar continuidade ao programa e de nos organizarmos como equipe.

A primeira ação que o programa reorganizou foi oferecer os cursos de extensão para adultos, estes sim de modo virtual, os quais já realizávamos no presencial quando recebíamos um convidado para compartilhar minicursos, oficinas, palestras no tema das imagens, da arte e da educação. Assim, abrimos o grupo de pesquisa nos encontros pontuais de extensão para a comunidade externa, estudantes de cursos e universidades variadas, professores da rede de educação básica, interessados múltiplos do Brasil afora. Os cursos ofertados⁸ foram cinco: Artes para a infância em tempo de isolamento social: músicas e cinemas, por Amanda Valiengo, Fernanda Omelczuk e Giovana Scareli; Processos fotográficos artesanais⁹ - Imagem, arte e educação, realizado pelas convidadas Cristina Miranda (UFRJ) e Verônica Soares (EPSJV-Fio Cruz); Mostras de cinema infantil: caso da Manduca¹⁰, com Ana Paula Nunes os membros do PET Cinema da UFRB; Quando a infância desenha verbetes¹¹, oferecido pelo Luciano Bedin da UFRGS e Pablo Quaglia; e Conversas com o Coletivo¹² Cinema e Sal, com as idealizadoras Lara Beck Belov e Irá Santos.

Em paralelo às atividades da extensão que conseguimos reorganizar para os adultos intensificamos a realização de uma curadoria de filmes infantis tendo como ponto de encontro a temática dos Direitos Humanos, visto que na pandemia ficou evidente a desigualdade da oportunidade de viver e morrer no sistema atual, escancaradamente expressa em diversos depoimentos do presidente.

Diante da necropolítica (MBEMBE, 2018) como plano de governo, a vida de todas nós, portanto, mas especialmente das pessoas mais vulneráveis e historicamente invisibilizadas, vem sendo normosamente desqualificada. Desta constatação unimos forças para um gesto em nosso programa de ação de visibilidade, espaço e circulação de imagens em movimento, modos de ser e viver de povos, pessoas, culturas historicamente pouco conhecidas e com pouco espaço no cotidiano midiático sobrecarregado de imagens clichês. Em decorrência, elaboramos o catálogo Imagear²³: caderno para brincar e fazer

⁸ Canal do Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Imagem - GEFI: <https://www.youtube.com/channel/UCN-AnnItYjGCKK50rfggRyw>

⁹ Mais informações em: <http://investigacoesfotograficas.blogspot.com/>

¹⁰ Mais informações em: <https://www.instagram.com/petcinema/>

¹¹ O livro com resultado dessa oficina está em fase final de diagramação com publicação prevista ainda para o primeiro semestre de 2022.

¹² Mais informações em: <https://www.youtube.com/channel/UC3jgTaspTm8sd5B2zIBxIUw>

¹³ Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1ACujVOCdg-31ZlfiH7P4DIHZAxnRUJ1/view>

cinema, cujo processo de construção e resultado partilharemos nas linhas abaixo.

METODOLOGIA

Imagear novos mundos: curadoria e invenção

Diferentes pesquisadores já se debruçaram para organizar e sistematizar reflexões acerca do que as crianças assistem, do que é produzido para elas, das condições desiguais de distribuição de audiovisuais infantis, das diferentes experiências geradas por cada dispositivo de exibição, dos impactos no desenvolvimento estético, na imaginação e nos gostos infantis, e do que pensam as próprias crianças sobre o que é produzido para elas (ALEGRIA; DUARTE, 2008; FANTIN, 2015; GIRARDELLO, 2015). Atravessadas por essas discussões e tendo como ponto de partida para qualquer curadoria a diversidade das infâncias e dos modos de vida que precisam estar representados nas imagens e nas músicas, o rechaço a todos os tipos de violência, preconceito ou exclusão e a necessidade de abrir espaço para crianças, etnias e povos que, historicamente, foram invisibilizados no audiovisual, elaboramos uma tabela com filmes, informações de produção e endereço de acesso, e, semanalmente, publicamos uma sugestão de filme, dentre os selecionados, no perfil do programa de extensão Educação, Cinema, outros territórios (ECOS) no Instagram @cinemaufsj.

No decorrer do tempo, percebemos a necessidade de expandir essa ação para outros territórios, uma vez que o Instagram atinge um público específico, normalmente alunos da própria universidade e não a comunidade externa. Assim, emergiu a criação do catálogo Imagear: caderno para brincar e fazer cinema (2021). Com este dispositivo, poderíamos compartilhar com um público maior os estudos e a curadoria referentes ao cinema infantil nacional, a história do cinema e atividades de criação com as imagens.

A construção do caderno demandou da equipe, voluntárias e bolsistas, um tempo próprio e uma organização autônoma, proporcionando momentos de troca, de busca e de maneiras de arquitetar esses descobrimentos com cores, imagens e escritos. Deslocou o grupo para o tempo da infância e para uma espécie de quintal virtual onde puderam “brincar com palavras” (BARROS, 2008, p. 47), brincar com imagens. Cada integrante do grupo pôde se jogar em um processo criativo, inventivo e brincante e isto fez nascer uma outra forma de ação, ideia e relação coletiva.

As reuniões online deram espaço para conversas acerca do que era a realidade e do que ela não era mais. Também para estimular o desejo comum de continuar a explorar e a difundir o cinema, especialmente a produção audiovi-

sual brasileira. É neste sentido que Kastrup e Passos (2013, p. 267), dizem que

o comum porta o duplo sentido de partilha e pertencimento. Cada um desses sentidos indica um procedimento ou atividade sem a qual a produção do comum não se efetiva. O comum é aquilo que partilhamos e em que tomamos parte, pertencemos, nos engajamos.

Assim, envolvidas neste comum, compreendendo o esgotamento do modo de fazer exercido até então e apoiadas na ideia de que “os possíveis vínculos entre o cinema e a educação se multiplicam a cada momento, a cada nova iniciativa ou projeto que os coloca em diálogo” (KASTRUP, 2015, p. 20), a equipe partiu para a reinvenção do programa. Dedicando-se a materializar as atividades de cinema-educação para um pouco mais longe do que fazíamos aos arredores da Universidade, antes restritas ao centro comunitário do bairro vizinho e ao abrigo de idosos.

Inicialmente, pensamos em elaborar um material para distribuição local, escolas etc. No coletivo, fomos costurando mais possibilidades: além de publicarmos os curtas infantis na rede social do programa, poderíamos apresentar outras referências que envolvessem trabalhos estético-políticos com imagens, como Histórias em Quadrinhos e Fanzines, que foram produzidas em conjunto com três outros Programas de extensão da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ): Programa de extensão Criação, Programa de Extensão Atividades Lúdicas e Musicais da UFSJ e Programa de Extensão Pequenos Grandes Violinistas.

Neste caso, destacamos mais uma ação que nos envolvemos ao longo do período remoto, que foi a aprendizagem, trocas e criação conjunta com outras ações de extensão da Universidade, que também se depararam com dificuldades de continuidade de sua execução e viram na união de suas ações e limitações modos outros de estar em contato com a comunidade e com demais projetos de ações vizinhas que antes não trocavam. A proximidade com estes programas manteve vivo o desejo extensionista e a continuidade na realização de ações com a comunidade de modo fortalecido e unívoco, não sobrecarregando escolas e/ou outros públicos no período mais crítico e incerto da pandemia.

No caso de elaboração gráfica do material adotamos uma plataforma gratuita e aberta para a diagramação e organização do conteúdo. Fomos aprendendo no decorrer da construção como utilizar os recursos de edição. A equipe de bolsistas e as voluntárias se lançaram ao risco de fazer. Juntas, redigiram textos, brincaram com as disposições das imagens e das palavras nas páginas. Experimentaram montagens que criavam novas imagens. Experimentam cores e fontes. Ao fim, um dispositivo para auxiliar e incitar pessoas a verem e a experimentarem o fazer cinematográfico, o fazer imagético, que em seu processo de elaboração, estava feito, e o grupo também vivenciou

essas aspirações criativas.

Neste processo foram catalogados 38 curtas infantis nacionais na temática de Direitos Humanos. Ainda dentro do tema, sugerimos 11 recortes temáticos menores para que os filmes pudessem ser utilizados: infâncias, animações, cinema negro, feminismo, diversidade sexual, diversidade religiosa, cinema indígena, trabalho infantil, relações intergeracionais e inclusão.

Para pensar a inclusão, por exemplo, destacamos no Imagear dois filmes: *Depois que te vi* (2016) de Vinicius Saramago, que conta a história de Gustavo, um jovem autista que trabalha na farmácia do tio e que, diariamente, cumpre metodicamente sua rotina, até que ele sai para fazer uma entrega e vê uma menina passar de bicicleta, um acontecimento que transforma sua rotina; e o curta *Marina não vai à praia* (2015) de Cassio Pereira dos Santos, no qual a protagonista Marina, uma garota com síndrome de Down, deseja conhecer o mar, mas é impedida de viajar com a irmã. Assim, começa a buscar outros caminhos para realizar seu sonho. Ambos os filmes despertam discussões sobre visibilidade e direitos das pessoas com deficiência.

Além disso, consideramos que as imagens e fragmentos desses filmes são capazes de inspirar alguns exercícios com o cinema, tal como com brincadeiras com a câmera em movimento, podemos filmar um plano fixo, no qual a câmera permanece parada ou em movimento, o que no cinema é chamado de travelling quando ela se desloca no espaço, podendo se movimentar de um lado para o outro, pra frente e para trás, de cima para baixo, baixo para cima. As cenas que acompanham a caminhada de Gustavo ao realizar suas entregas da farmácia em *Depois que te vi* (2016) podem ser disparadoras para essa atividade. A mesma brincadeira é proposta para *Marina não vai à praia* (2015) na qual a câmera acompanha os movimentos de Marina, entretanto, para esse curta adicionamos mais um exercício, o de enquadramento. O enquadramento é o contorno da tela ao redor da imagem que vemos. Quando Marina aparece através de molduras, uma porta ou janela, ela inspira o espectador a criar diferentes formas de molduras para enquadrar.

Esses são apenas uma pequena mostra de dois filmes e exercícios possíveis para se realizar a partir deles. No catálogo Imagear indicamos outros filmes e exercícios de criação para aprender cinema com cinema. Manoel de Barros (2008, p. 59) diz em um de seus textos que está a pensar “em achadouros de infâncias”, ele prossegue:

Se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal, lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira. Se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro, lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa. Sou hoje um caçador de achadouros de infância.

No processo de curadoria dos filmes para o catálogo nos colocamos a escavar para encontrarmos achadouros de infâncias no cinema. A palavra curadoria, etimologicamente, vem do latim “curator”, que tem como significado “aquele que administra”, “aquele que tem cuidado e apreço”. A curadoria que realizamos nessa trajetória do programa de extensão em cinema e educação é orientada pelo princípio do cuidado. Cuidado ao escolher as narrativas, as vivências, as infâncias e estéticas que constituem os filmes. Que imagens de mundos queremos cultivar para as infâncias?

Nessa experiência de curadoria nos afastamos dos filmes comerciais, pois consideramos que esses constantemente constituem o universo fílmico de muitas crianças, seja por meio das salas de cinema, das plataformas de streaming ou canais televisivos. Além disso, compreendemos que esse cinema reproduz padrões semelhantes na sua construção, com isso limitam os olhares e engessam as possibilidades do gostar. Portanto, sugerimos um trabalho a partir de um circuito paralelo que se distancia dessa concepção homogeneizante. Propomos a partilha de uma outra concepção de cinema infantil, especificamente o nacional, a fim de despertar nos espectadores o reconhecimento do valor artístico e cultural da arte cinematográfica brasileira, ampliar visões e repertórios.

Os filmes que compõem essa planilha são fruto de uma curadoria que buscou ser cuidadosa, ética, sensível e crítica, que buscou colecionar imagens que alimentem uma potência de vida, dispensando as imagens que reduzem temáticas a uma única realidade, por vezes dolorosa, como a violência inerente ao racismo. Neste caso, o racismo, assunto caro e urgente, que é atravessamento de alguns filmes escolhidos, é mostrado numa perspectiva que reinventa essa realidade em narrativas de resistência, fortalecimento da identidade e do cinema negro.

O sistema de vida operante busca constantemente padronizar os modos de ser, estar e pensar no mundo. Esta curadoria, amparada por outros ideais de vida e educação rejeita essa concepção, por isso, dedica-se a selecionar filmes plurais para infâncias plurais. A diversidade é seu critério basilar. Diversidade de contextos socioculturais, de linguagens, de valores e estéticas. São filmes produzidos em contexto brasileiro, que podem ser espelhos e provocar identificações ou janelas que expressam paisagens de outros modos de vida, culturas, infâncias, mundos, que são próprios da nossa gente.

Entendemos que esses filmes podem ser uma forma de iniciação, de construção de gosto e de formação de espectadores. Por isso, acreditamos ser primordial o encontro com filmes potentes. Em consonância, Bergala (2008, p. 45) diz:

A vida [...] é curta demais para que se perca tempo e energia assistindo e analisando filmes ruins. Sobretudo porque um filme ruim, mesmo analisado enquanto tal, certamente deixa marcas, polui o gosto, quando se torna objetos de releituras, repetições, pausas: a memória inconsciente, que não liga para julgamentos de valor, conserva tanto o bom quanto o ruim.

Assim, para poder proporcionar na relação com as imagens marcas subjetivas potentes de novas vidas, é necessária uma curadoria atenta, que considere obras que sirvam somente as lógicas e gostos mercantis ou que infantilizam demasiadamente as crianças ou reproduzam clichês e lugares de opressão historicamente repetitivos.

Neste contexto, o processo de curadoria foi um processo de escolhas, de que imagens e gostos queremos construir desde a infância. Acreditamos que os filmes que escolhemos nessa trajetória de pesquisa fortalecem e potencializam a infância que defendemos, não como uma etapa cronológica, mas como um tempo do encantamento, da curiosidade, do encontro com o desconhecido, dos questionamentos, da imaginação, das associações e da invenção e por esse motivo, também ajudam a expandir os imaginários acerca do que pode o cinema infantil.

Destacamos ainda que optamos por selecionar curtas metragens, tanto pela ampla produção quanto pelo seu tempo de duração, ademais, como citado, temos como recorte os Direitos Humanos, tema indispensável e urgente para ser pensado na sociedade e dentro e fora das instituições escolares.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As plataformas de democratização do acesso à diversidade

Durante a pandemia, houve uma facilitação no acesso aos festivais de cinema uma vez que passaram a acontecer em formato virtual. Dessa maneira, exploramos diversos catálogos, programações de festivais e mostras que incluíam o eixo de curtas metragem nacionais. Foram meses visitando e revisitando sites e plataformas em busca de filmes que conversavam com a proposta do programa de extensão. Dentre eles podemos citar a Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis, o Festival Taguatinga, Mostra de Cinema Feminista, Cine Kurumin, Festival de Curtas de São Paulo, Mostra de Cinema Infantojuvenil de Cachoeira, Mostra de Cinema Negro de Sergipe, Sesc digital, SP cine, Porta curtas.

Nessa pesquisa, pudemos perceber que nas últimas duas décadas houve uma vasta produção de curtas infantis de qualidade produzidos em diferentes regiões do Brasil, entretanto, a divulgação e o acesso ainda ficam restritos a esses circuitos independentes, o que dificulta a presença dos filmes em ou-

tros ambientes da sociedade, como nas escolas.

Pensando nisso, reunimos previamente uma planilha¹⁴ com cerca de 60 curtas nacionais alternativos para as infâncias. Acreditamos que essas imagens, com suas histórias e seus modos de fazer, permitem que possamos ver, sentir e pensar o mundo e as humanidades. No catálogo partilhamos 38 curtas-metragens dentre essa seleção inicial, que são resultantes dos avizinhamentos de recortes de diferentes frentes de luta em direitos humanos, tais como luta antirracista, feminismo, direitos dos povos indígenas e povos de comunidades tradicionais, meio ambiente, direitos da criança, adolescentes e idosos, diversidade religiosa, diversidade sexual e de gênero, direitos das pessoas com necessidades especiais, desigualdades sociais e econômicas e políticas de migração entre outras de igual relevância.

O catálogo Imagear é um modo que encontramos para tornar visível a curadoria e pesquisas do programa de extensão ECOS e estender esses conhecimentos para outros territórios, para educadores, famílias e demais interessados, a fim de auxiliar os adultos a “conhecer e escolher de forma mais potente e enriquecedora os filmes que vão mostrar às crianças”, como diz Girardello (2015 p. 194). Com esse material buscamos desconstruir as imagens limitantes que chegam até nós e fazer, ver e inventar outras imagens que humanizem os olhares e descolonizem imaginários. Ademais, acreditamos na potência desses filmes como aliados na educação em direitos humanos. Esperamos que essa criação possa afetar o espectador e cultivar sensibilidades e pensamentos para imagear novos mundos, mais justos, plurais e humanos.

Os fazeres cinematográficos de um filme, as formas de disposição das cores, sons, as montagens, os ângulos e os enquadramentos também auxiliam a inventar mundos possíveis. Elaboramos, no caderno, oito questões de cinema que podem ser inspirações para brincar e criar novas imagens. Esses exercícios propõem sensibilizar o olhar para assistir aos filmes e percebê-lo como um resultante de escolhas e ter um olhar mais atento para os detalhes que compõem uma história, como também um nutrir, um olhar mais demorado e sensível para nossos espaços de vida. As brincadeiras então, são um convite para observar e promover novas relações com nossas histórias, memórias, bairros, moradas e colocar diante das lentes as miudezas e bonitezas que foram deixadas às margens e consideradas desimportantes na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Três gestos em educação, cinema e extensões

¹⁴ <https://docs.google.com/document/d/1y3J8YUj6o3kt3Z4xH8EEae4qsDIYdr-CXfQEyomZ-OU/edit>

No contexto de disputa por narrativas e na urgência da reescritura da história a contrapelo, diferentes expressões vêm sendo gestadas no campo curatorial, seja na educação ou nas artes, conferindo novos sentidos ao que nos é oferecido ver, ouvir, fruir e aprender desde crianças: curadoria como cuidado, imagens que ferem, mas que também curam, curadoria educativa, professor elegante. “A elegância do professor está nos textos que escolhe”, diz Jorge Larrosa ao comentar a origem do termo escolher/eleger, do latim *legere*; logo, elegância, no Abecedário de Cinema (FRESQUET, 2017). São diferentes modos de sermos chamados a problematizar esse lugar ambíguo do fazer curatorial que todo professor e adulto que convive com crianças precisa fazer.

Nessa trajetória de pesquisa, na prática extensionista, curadoria, descobrimentos e criação, realçamos os sentidos da extensão, da formação docente e da universidade pública, que é a de compartilhar esses conhecimentos e fazeres construídos com sujeitos outros para além dos muros da instituição e aprender com eles saberes, necessidades, urgências e cuidados outros que não acessamos em nossa formação. Organizamos um acervo que pode vir a ser uma fonte de referência para o público maior, que atua nas escolas ou em outros espaços informais de educação e neles, quem sabe, provocar reverberações para produzirem outras propostas e nos provocarem também com suas sensações diante dessas imagens outras, curadoria outra. Nesse processo, ampliamos nossos próprios repertórios e diversificamos nossos gostos e esperamos que o mesmo possa acontecer aos futuros leitores e inventores com o catálogo.

Durante a graduação sempre nos questionamos sobre os espaços que temos para ser inventivos e a extensão é um desses lugares, o lugar de criar algo novo nos territórios que nos movimentamos como estudantes, atravessando nosso próprio território existencial. Nas escolas, na universidade, na comunidade, nas nossas próprias casas. Ao pensar nas formas, cores, layout do catálogo colocamos em movimento, de certa maneira, a nossa infância, pois esse exercício exigiu experimentações, brincadeiras e invenções com imagens. Além disso, foi um momento potente poder desenvolver isso com outras mulheres, voluntárias, bolsistas e orientadoras envolvidas no programa.

No processo de curadoria tivemos que pensar cuidadosamente e fazer escolhas de recortes de mundo. O que queremos ver e o que queremos mostrar? Essas perguntas também devem inspirar e orientar nossa prática como docentes, quais leituras, quais músicas, quais brincadeiras, quais histórias queremos que as crianças tenham acesso? Que infâncias queremos cultivar? Que mundo queremos criar juntos? Os filmes e atividades resultantes desses processos na extensão ressaltam o mundo que queremos construir nessa caminhada, um mundo mais justo, bonito, que valorize nossas tradições, a nossa natureza, nossas paisagens, nossas culturas, infâncias e histórias. Enfim, nossa gente.

Sentimos, portanto, nesse processo de análise e reflexão das ações que sustentamos durante a pandemia a ativação de três gestos que fizeram frente diante da macropolítica de morte que predominou e nos assombrou: a prática extensionista universitária, o cinema brasileiro em sua diversidade e a afirmação da infância como potência de invenção de novas possibilidades de trabalho conjunto e de vida.

REFERÊNCIAS

ALEGRIA, J. DUARTE, R. **Formação estética audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação.** Revista Educação e Realidade, v. 33, n. 1, p. 59-80, 2008.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

BERGALA, Alain. A Hipótese-cinema. **Pequeno Tratado De Transmissão Do Cinema Dentro E Fora Da Escola.** Tradução: Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio De Janeiro: Booklink - Cineadlise-fe/Ufrj, 2008

CREMA, Roberto; LELOUP, Jean-Yves; Weil, Pierre. **Normose: A patologia da normalidade,** Editora: Verus, 2003

FANTIN, M. Cinema e infância na escola: algumas questões sobre a escolha dos filmes para crianças. In: FRESQUET, A. (Org.). **Cinema e Educação: A Lei 13.006.** Belo Horizonte: Universo Produções, 2015 . p. (178-186).

FRESQUET, A. **Abecedário de Cinema com Jorge Larrosa.** Rio de Janeiro: LECAV, 2017. DVD. 70 min, cor.

GIRARDELLO, G. **Encontrar, escolher e articular filmes brasileiros para crianças: notas a partir de uma curadoria.** In: FRESQUET, A. (Org.). Cinema e Educação: A Lei 13.006. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015. (p.187– 195).

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. **Cartografar é traçar um plano comum. Fractal: Revista de Psicologia,** [S.L.], v. 25, n. 2, p. 263-280, ago. 2013. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1984-02922013000200004>. Acesso em: 27 de setembro de 2021.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** São Paulo: n-1 edições, 2018.

OMELCZUK, F.; SCARELI, G. **Imagear: caderno para brincar e fazer cinema. Universidade Federal de São João del-Rei. UFSJ.** Pro-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários- PROEX. GEFI. Caburé selo editorial, 2021.

PELBART, P. Esgotamento e criação. Em: PELBART, P. **O avesso do nihilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: n -1 edições, 2013.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. (SBP). **Manual de Orientação: menos tela, mais saúde**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/sbp-atualiza-recomendacoes-sobre-saude-de-criancas-e-adolescentes-na-era-digital/>. Acesso: 25 de setembro de 2021.